

# CARTA<sup>1</sup> XIX<sup>2</sup> (05 DE JANEIRO DE 1665)

MUI DOUTOR E PRUDENTÍSSIMO SENHOR  
WILLEN VAN BLIJENBERGH<sup>3</sup>

B. d. S.

Resposta à precedente

VERSIO

TRADUÇÃO E NOTAS:

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO<sup>\*</sup> E FLORA BEZERRA DA ROCHA FRAGOSO<sup>\*\*</sup>

Amigo desconhecido<sup>4</sup>,

Por meio de sua carta datada de 12 de dezembro, inclusa em outra do dia 21<sup>5</sup> do mesmo mês<sup>6</sup>, que recebi em Schiedam<sup>7</sup> em 26 de dezembro, entendi o seu grande amor pela verdade e entendi que ela é o único intento de

todos os seus estudos. E a mim, que também nenhum outro intento anima, me compeliu não somente a aceder plenamente ao que me pedes, a responder, na medida de meu intelecto, às

<sup>\*</sup> Professor do CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e Coordenador do GT BENEDICTUS DE SPINOZA.

<sup>\*\*</sup> Mestranda em FILOSOFIA no Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE e Bolsista CAPES.

<sup>1</sup> A correspondência entre Blijenbergh e Spinoza compreende oito cartas, quatro de cada um, no período compreendido entre dezembro de 1664 e junho de 1665. As cartas foram escritas originalmente em holandês.

Nossa tradução foi feita a partir da versão inglesa de A. Wolf [W]<sup>\*</sup>, cotejada termo a termo com a tradução francesa de Madeleine Francès [MF]<sup>\*\*</sup>, com a tradução espanhola de Atilano Domínguez [AD]<sup>\*\*\*</sup>, com a também versão espanhola de Florencio Noceti e Natascha Dockens [FN]<sup>\*\*\*\*</sup> e com o original holandês e a versão latina (*versio*) de Carl Gebhardt [CG]<sup>\*\*\*\*\*</sup>, que apresenta a *versio* e o original holandês na mesma página. Nas cartas enviadas por Blijenbergh, na parte de cima da página está o original em holandês e na parte de baixo, a *versio*. Para as cartas enviadas por Spinoza, ele inverte: em cima a *versio* e embaixo o original holandês. As páginas são numeradas como 86 (parte de cima) e 86b (parte de baixo).

<sup>\*</sup> **THE CORRESPONDENCE OF SPINOZA.** Translated and edited with introduction and annotations by A. Wolf. New York: Lincoln Mac Veagh, The Dial Press, 1927. Letter XIX, p. 146-151. Annotations, p. 406-407.

<sup>\*\*</sup> **SPINOZA ŒUVRES COMPLÈTES.** Texte traduite, présenté et annoté par Roland Caillois, Madeleine Francès et Robert Misrahi. Paris: Gallimard, 1954, *Correspondance*, p. 1045-1303, *Notes*, p. 1511-1525. Bibliothèque de la Pléiade. *Lettre XIX*, p. 1121-1127, *Notes de la Lettre XIX*, p. 1517-1518.

<sup>\*\*\*</sup> **SPINOZA - CORRESPONDENCIA.** Introducción, traducción, notas y índice de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1988. Carta 19, p. 166-172.

<sup>\*\*\*\*</sup> **LAS CARTAS DEL MAL.** Correspondencia Spinoza-Blijenbergh. Comentario Gilles Deleuze. Com prólogo de Florencio Noceti. 1. ed. Traducido por Florencio Noceti e Natascha Dockens. Buenos Aires: Caja Negra, 2006. Carta II [XIX], p. 25-30.

<sup>\*\*\*\*\*</sup> **SPINOZA OPERA.** Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925; 2. Auflage 1972, v. IV, Epístola XIX - Versão latina ou *versio* (p. 86-95) e original em holandês (p. 86b-95b).

<sup>2</sup> Corresponde à Carta XXXII das *Opera Posthuma* [OP] <sup>\*</sup>.

<sup>\*</sup> **B. d. S. Opera Posthuma, Quorum series post Praefationem exhibetur.** 1677 [Amsterdã: J. Rieuwertsz], Epistola XXXII, p. 477-481.

<sup>3</sup> Na versão da OP (p. 477) está: Guilielmo de Blyenbergh (Caso dativo).

<sup>4</sup> Esta saudação só tem na OP (p. 477). No original holandês está: *Myn Heer, en seer aangename vrient* [Meu Senhor e Mui agradável Amigo] (CG, p. 86b).

<sup>5</sup> Na versão de AD (p. 166) está: “20/21 del mismo mes”. Charles Appuhn [CA]<sup>\*</sup> (p. 181) está “[...] dans une autre qui est du 24 du même mois; [...]”. De nossa parte, acompanhamos CG (Cf. *versio*, p. 86 e original holandês, p. 86b).

<sup>\*</sup> **Œuvres.** Traduction et notes par Charles Appuhn. Paris, GF Flammarion, 1966. Lettre XIX, v. 4, p. 181-186.

<sup>6</sup> Esta carta enviada por Blijenbergh datada de 21 de dezembro de 1664 se perdeu.

<sup>7</sup> Segundo K. O. Meinsma<sup>\*</sup>, Spinoza passou parte do inverno de 1663/64 em Rijnsburg e “A l’entrée de l’hiver suivant [inverno de 1664-65] il se rendit, peut-être em compagnie de son ami Simon Joosten de Vries, à Schiedam où il résida durant les deux mois les plus froids hors de la ville dans le ‘Long verger’. [lange Bogart]”. Atilano Domínguez (AD, Nota 131, p. 166), citando esta passagem de Meinsma escreve: “Meinsma sospecha que Spinoza pasó los inviernos 1663-4 y 1664-5 (en 1664, año de la peste, murieron 24.000 personas sólo en Amsterdam!) en la finca que poseían los de Vries cerca de Schiedam, el ‘Lande Bogart’ ou ‘Huerto largo’ [...]”.

<sup>\*</sup> **Original holandês:** MEINSMA, K. O. **Spinoza en zijn kring.** Historisch-kritische studiën over hollandsche vrijgeesten. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1896. p. 227-228.

**Tradução francesa:** MEINSMA, K. O. **Spinoza et son cercle.** Etude critique historique sur les hétérodoxes hollandais. Traduit du néerlandais par Mademoiselle S. Rosemburg. Appendices latins et allemands traduits par J.-P. Osier. Paris : J. Vrin, 1983. p. 285-286.

questões que agora me envia e às que me enviará futuramente, mas também a dispor de minha parte tudo o quanto possa contribuir para um melhor conhecimento e a uma amizade sincera. Pois para mim, de todas as coisas que estão fora de meu poder, não há nenhuma que mereça mais consideração do que ter a honra de poder estabelecer laços de amizade com pessoas [*Viris*]<sup>8</sup> que amam sinceramente a verdade. Pois creio que nada de quanto há no mundo que esteja fora de nosso poder podemos amar com mais tranquilidade do que a tais homens [*homines*]. Com efeito, é tão impossível dissolver este amor, que reciprocamente têm, por estar fundado no amor que cada um deles tem pelo conhecimento da verdade, quanto não abraçar a verdade, uma vez que esta é percebida. Além disso, como nenhuma coisa além da verdade é capaz de unir inteiramente distintos sentidos e espíritos [*animos*], ela é a mais elevada e a mais agradável que pode dar-se às coisas que estão fora de nosso poder. Não aludirei às grandes vantagens que se seguem disso para não ocupá-lo com coisas que certamente conhece; se assim procedi até agora, foi para mostrar-lhe quão agradável me é isto e me será no futuro poder ter a oportunidade de prestar-lhe serviço prometido.<sup>9</sup>

E, para aproveitar melhor a oportunidade presente, responderei a tua questão, que está certamente relacionada com o ponto a seguir: que tanto da providência de Deus<sup>10</sup> [*Dei Providentia*] – que não se *distingue* [*verschilt*]<sup>11</sup> em nada de sua vontade –, quanto do concurso de Deus [*Dei Concursu*] na criação contínua [*Creatione continua*] das coisas, *parece* [*schynt*]<sup>12</sup>

<sup>8</sup> Cf. *versio*, com inicial maiúscula (CG, p. 87).

<sup>9</sup> Adotamos o sistema de parágrafos da versão latina dada por Carl Gebhardt [CG], que reproduz a *versio* da OP. Na versão em holandês, este ponto não é parágrafo.

<sup>10</sup> Na versão em holandês está escrito com letra minúscula (Cf. CG, p. 88b e VV, p. 66). Em letra maiúscula somente na *versio* (Cf. CG, p. 88 e VV, p. 62). De nossa parte, acompanhamos a *versio*.

<sup>11</sup> CG (p. 88b) em sua versão holandesa grifa este termo, acompanhando Van Vloten [VV]\* que reproduz a publicação de Frans Halma (1705).

\* **Benedicti de Spinoza Opera quotquot reperta sunt.** Recognoverunt J. van Vloten et J. P. N. Land. Editio Tertia. Hagae Comitum, apud M. Nijhoff, MCMXIV [1914], 4v. em 2v. Tomus Tertio, p. 65-70. p. 66.

<sup>12</sup> Cf. grifo original da versão holandesa (CG, p. 87b e VV, p. 66).

seguir-se claramente que, ou não existem pecados e nem mal algum, ou Deus é o autor dos pecados e do mal. Mas na verdade não explicas o que entendes por mal, e, até onde pude perceber do exemplo da vontade determinada de Adão, parece que entendes por mal a própria vontade, enquanto a entende como *determinada de tal modo, ou enquanto se opõe à proibição de Deus* [gots verbot]<sup>13</sup>. E por isso diz que é um grande absurdo (como diria eu, se a coisa fosse assim) sustentar qualquer uma das duas: que o próprio Deus produz [*operari*] as coisas que são contrárias à sua vontade ou que são boas, ainda que repugnem à vontade de Deus. Quanto a mim, não posso conceder que *os pecados e o mal sejam algo positivo e muito menos que algo seja ou ocorra contra a vontade de Deus. Ao contrário, não só digo que os pecados não são algo positivo, mas também afirmo que nós não podemos dizer que se peca contra Deus, a não ser falando impropriamente e ao modo humano, como quando se diz que os homens ofendem a Deus.*<sup>14</sup>

Pois, quanto ao primeiro ponto, sabemos que tudo que existe, considerado em si mesmo sem relação com nenhuma outra coisa, implica perfeição, a qual se estende em cada coisa até onde se estende a própria essência da coisa, pois a essência não é nada distinto dela. Tomo como exemplo a decisão ou a vontade determinada de Adão de comer o fruto proibido. Esta decisão ou vontade determinada, considerada por si só, inclui tanta perfeição quanto realidade<sup>15</sup> [*realitatis*] exprime; o qual se pode entender pelo fato de que não podemos conceber nenhuma imperfeição nas coisas, a não ser quando vistas em relação a outras coisas que têm mais realidade<sup>16</sup> [*realitatis*]. Assim, na decisão de

<sup>13</sup> Cf. grifo original da versão holandesa (CG, p. 88b e VV, p. 66).

<sup>14</sup> Cf. grifo original da versão holandesa (CG, p. 88b e VV, p. 66).

<sup>15</sup> AD (p. 168) e Florencio Noceti (FN, p. 27) que traduziram da versão em holandês utilizam o termo *esencia* [essência]. CA (p. 183) utiliza *réalité* [realidade]. Madeleine Francès (MF, p. 1123), que também utilizou a versão holandesa em sua tradução, utiliza o termo *être* [ser] e inclui entre parênteses o termo em holandês moderno: *wesen*. Em CG (p. 89b) está *weesen*.

<sup>16</sup> AD (p. 168) aqui também utiliza o termo *esencia* [essência]. FN (p. 27) acrescenta: “[...] *cuyas esencias contengan más perfectión, [...]*”. CA (p. 183) utiliza *réalité* [realidade]. Já MF (p. 1123) utiliza o termo *réalités* [realidades].

Adão, quando considerada em si mesma, sem compará-la com outras mais perfeitas ou que revelam um estado mais perfeito, não se poderá encontrar nenhuma imperfeição. Certamente que se pode compará-la com infinitas outras, que com respeito a ela são muito mais imperfeitas [*imperfectioribus*]<sup>17</sup>, como as pedras, os troncos, etc. E isto, na realidade, qualquer um concederá, pois as mesmas coisas que se desprezam e são olhadas com aversão nos homens, são contempladas com admiração<sup>18</sup> e diversão<sup>19</sup> [*vermaak*] nos animais, como a guerra das abelhas, os ciúmes das pombas, etc. E o que nos homens repelimos, não obstante, julgamos perfeitas nos animais. Se tudo isto é assim, *segue-se claramente que os pecados, por não indicarem nada mais que imperfeição, não podem consistir em nada que exprima realidade*<sup>20</sup> [*realitatem*]<sup>21</sup>, como a decisão de Adão e sua realização.

Além disso, não se pode dizer que a vontade de Adão se oponha à vontade de Deus e que, ao contrariá-la seja má, por ser desagradável

---

<sup>17</sup> Na OP (p. 479) o termo utilizado é *perfectioribus* (perfeitas). FN (p. 27) utiliza *imperfectas* [imperfeitas]. AD (Nota 133, p. 168) também corrige e utiliza *imperfectas* [imperfeitas], observando que na versão holandesa da OP, a *Nagelate Schriften* [NS]\* (p. 533), também está *volmaakter* [perfeitas]. CG em sua edição crítica corrige na *versio* o termo para *imperfectioribus* (p. 89) e no original holandês para *onvolmaakter* (p. 89b). CA (p. 183 e nota 32, p. 367) discorda desta correção e adota *parfait* [perfeita]. Todavia, devemos ressaltar que Charles Appuhn necessitou fazer inserções no texto para chegar à coerência textual.

\* **De Nagelate Schriften van B. D. S.** [S. l.]: Gedrukt in 't Jaar, MDCLXXVII [1677]. p. 532-536.

<sup>18</sup> AD (Nota 134, p. 168) e A. Wolf (W, p. 407) citam o relato de Jean Colerus\* acerca do hábito que Spinoza tinha de se divertir contemplando brigas de aranhas ou aranhas capturando moscas.

\* COLERUS, Jean. **Vida de Spinoza**: por Colerus. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://www.benedictusdespinoza.pro.br/4939/15139.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

<sup>19</sup> Este termo está ausente na *versio* latina, encontrando-se somente no original em holandês. AD (p. 168) traduz por *diversión* (diversão); FN (p. 27) traduz por *con gusto* [com gosto]; W (p. 148) traduz por *delight* (deleite) e MF (p. 1123) por *attachantes* (atraente). Na tradução de Charles Appuhn (CA, p. 183) este termo está ausente.

<sup>20</sup> AD (p. 169) e FN (p. 27) utilizam o termo *esencia* [essência]. CA (p. 183) utiliza *réalité* [realidade]. MF (p. 1123) utiliza o termo *être* [ser].

<sup>21</sup> Cf. grifo no original holandês (CG, p. 90b e VV, p. 67).

a Deus. Em primeiro lugar, porque seria pôr uma grande imperfeição em Deus admitir que ocorra algo contra sua vontade, ou que deseje algo que não logra conseguir, ou que sua natureza seja de tal modo determinada que sinta, assim como as criaturas, simpatia por umas coisas e antipatia por outras. E, sobretudo porque isto seria contrário à natureza da vontade de Deus, pois como ela não é distinta de seu entendimento [*intellectu*]<sup>22</sup>, é igualmente impossível que se faça algo contra sua vontade assim como contra seu entendimento; isto é, o que se faz contra sua vontade deverá ser de tal natureza que repugne também a seu entendimento, como um quadrado circular. Como a vontade ou a decisão de Adão, considerada em si mesma, não era má e nem era, propriamente falando, contrária à vontade de Deus, segue-se que Deus pode e inclusive deve ser sua causa, pelas razões que tu mesmo aduziste; mas não *enquanto esta vontade era má, já que o mal que nela havia não era mais do que a privação de um estado mais perfeito* [*perfectioris*]<sup>23</sup> que Adão teve que perder por causa desta ação. É certo que a privação não é algo positivo, e somente se denomina assim com respeito ao nosso entendimento e não com respeito ao entendimento de Deus. Isto provém de que nós expressamos com uma mesma definição todas as coisas singulares de mesmo gênero, tal como, por exemplo, todas aquelas que em aparência têm a forma de seres humanos; e, por conseguinte, julgamos que todas estas coisas são igualmente capazes da maior perfeição que se pode deduzir de tal definição; e quando encontramos uma coisa cuja obra se afasta dessa perfeição, então a julgamos privada dela e desviada de sua natureza, *o que não faríamos se não a tivéssemos posto sob tal definição e nem tivéssemos atribuído-lhe tal natureza. Mas como Deus*<sup>24</sup> não conhece as coisas abstratamente e nem forma definições gerais como as mencionadas, nem às coisas compete mais

---

<sup>22</sup> No original holandês: *verstant* (Cf. CG, p. 90b).

<sup>23</sup> Cf. grifo no original holandês (CG, p. 91b e VV, p. 67).

<sup>24</sup> Cf. grifo no original holandês (CG, p. 91b-92b e VV, p. 68). AD (Nota 136, p. 170) relaciona esta passagem à ideia do Mal (pecado) como privação, com as seguintes passagens das obras de Spinoza: PPC: capítulo 1, proposição 13, demonstração; CM: Parte I, capítulo 6, 7 e 8 e Carta XX.



realidade<sup>25</sup> do que a que o entendimento e o poder divino lhes atribui e de fato lhes confere. Segue-se manifestamente que *a referida privação só pode denominar-se tal com respeito ao nosso entendimento, porém não com respeito ao entendimento de Deus*.<sup>26</sup>

Parece-me que com isto a questão está inteiramente solucionada. Mas, para tornar mais plano o caminho e eliminar todo escrúpulo, considero necessário responder às duas questões seguintes: primeira, por que a Sagrada Escritura diz que Deus deseja que os ímpios<sup>27</sup> se convertam e também por que proibiu a Adão comer da árvore, quando havia decidido que ocorreria o contrário; segunda, parece seguir-se de minhas palavras que os ímpios com sua soberba, ganância, desespero, etc., servem a Deus tanto como os pios<sup>28</sup> com sua generosidade, paciência, amor, etc., pois todos executam a vontade de Deus.

À primeira questão respondo que a Escritura, que precipuamente convém e serve à plebe, fala continuamente ao modo humano<sup>29</sup> porque a plebe é inepta para perceber as coisas sublimes. E por isso eu creio que todas as coisas que Deus revelou aos profetas como necessárias para a salvação, estão escritas na forma de leis; e por isso também que os profetas imaginaram [*finxerunt*] toda uma parábola. Em primeiro lugar, como Deus havia revelado os meios para a salvação e a perdição, das quais ele mesmo

<sup>25</sup> AD (p. 170) utiliza *realidad* [realidade]. FN (p. 28) utiliza *esencia* [essência]. CA (p. 184) utiliza *réalité* [realidade]. MF (p. 1124) utiliza o termo *être* [ser].

<sup>26</sup> Cf. grifo no original holandês (CG, p. 91b-92b e VV, p. 68).

<sup>27</sup> Na *versio* (CG, p. 92) está *improbi* [ímprobos], no sentido de *mau, desonesto*. No original holandês (CG, p. 92b) está *godeloose* [*atheïstisch*], no sentido de *ateu, abominável, descrente*. AD (Op. cit., p. 170) traduz como *impíos* [ímpios]; FN (p. 28) utiliza o termo *ateos* [ateus]. CA (p. 184) traduz por *pécheur* [pecador]. MF (p. 1125) utiliza o termo *méchant* [maldoso] e W (p. 149) traduz por *wicked* [perverso]. De nossa parte, optamos por traduzir por *ímpios* acompanhando o sentido do termo no original holandês.

<sup>28</sup> Na *versio* (CG, p. 92) está *probos* [probos], no sentido de *bom, honesto*. No original holandês (CG, p. 92b) está *vroomen* [*vróme*], no sentido de *religioso, fiel, devoto*. AD (p. 170) traduz como *piadosos* [piedosos]. FN (p. 28) utiliza *píos* [pios]. MF (p. 1125) utiliza o termo *justes* [justos] e W (p. 149) traduz por *pious* [pios]. De nossa parte, optamos por traduzir por *pios* acompanhando o sentido do termo no original holandês.

<sup>29</sup> Cf. grifo no original holandês (CG, p. 92b e VV, p. 68).

era a causa, o delinearam [*adumbrarunt*] como rei e legislador; aos meios – que não são senão causas –, os chamaram leis e os escreveram na forma de leis; à salvação e à perdição – que não são senão efeitos que fluem necessariamente dessas causas –, os propuseram como prêmio e pena. E como ordenaram todas suas palavras mais segundo a esta parábola do que segundo a verdade, geralmente expressam Deus à semelhança dos homens: ora irado, ora misericordioso, ora desejando o futuro, ora cativo dos ciúmes e das suspeitas, e até enganado pelo próprio diabo. De modo que os filósofos e todos que como eles estão acima da lei, isto é, que seguem a virtude, não por ser lei, mas por amor, porque é o mais excelso, não devem prestar atenção a tais palavras.<sup>30</sup>

Portanto, a proibição [*verbot*]<sup>31</sup> a Adão consistia somente em que Deus revelou a Adão que comer da árvore produzia a morte, tal como nos revela, pelo entendimento natural [*naturalem intellectum*], que o veneno é mortífero para nós. Se me perguntares, com que fim o revelou? Respondo-te que foi para fazê-lo mais perfeito quanto ao conhecimento. Interrogar a Deus por que não lhe deu também uma vontade mais perfeita, é tão absurdo quanto interrogá-lo por que não deu ao círculo todas as propriedades da esfera, como manifestamente se segue do dito acima e como demonstrei no escólio da proposição 15 da primeira parte [*dos Princípios de Filosofia de Descartes demonstrados segundo o método geométrico*].

Sobre a segunda dificuldade, é verdade que os ímpios [*impíos*] exprimem a seu modo a vontade de Deus; mas não devem por isto de forma alguma serem comparados com os pios, pois quanto mais perfeição tem uma coisa, mais participa também da deidade, mais exprime a perfeição de Deus. Posto que os pios têm incomparavelmente mais perfeição que os ímpios, não se pode comparar sua virtude com a virtude dos ímpios, que carecem do amor divino que flui do conhecimento de Deus, e pelo qual somente, conforme nosso entendimento humano, nos chamamos servos de Deus [*Dei*

<sup>30</sup> AD (Nota 137, p. 171) relaciona esta interpretação das Escrituras com as seguintes passagens das obras de Spinoza: TTP: capítulo 1 (final), 2, 4 e 5.

<sup>31</sup> Cf. grifo no original holandês (CG, p. 93b e VV, p. 69).

*servi*]. E ainda, como não conhecem Deus, não são mais do que um instrumento nas mãos do artífice, que não sabe que serve e servindo se consome; os pios, ao contrário, servem sabendo que servem<sup>32</sup>, e servindo se aperfeiçoam.<sup>33</sup>

Eis aqui Senhor tudo o que pude contestar, por agora, em sua questão. Meu maior desejo é satisfazê-lo. Mas no caso de encontrar alguma dificuldade, rogo-lhe que me comunique, para ver se posso eliminá-la. Não tenha nenhum temor em importunar-me; se não estiveres plenamente satisfeito, muito me agradaria conhecer as razões disto, para que brilhe finalmente a verdade. Gostaria muito de poder escrever na língua em que fui educado<sup>34</sup>, pois poderia talvez expressar melhor meus pensamentos. Rogo-lhe que tenha a amabilidade de corrigir os erros e considerar-me seu devotado amigo e servidor,

B. de Spinoza

*Lange Bogart*, 5 de janeiro de 1665.<sup>35</sup>

[*Devo permanecer neste horto talvez três ou quatro semanas; depois tenho o propósito de voltar a Voorburg. Creio que receberei antes sua resposta. Mas se suas ocupações lhe impedirem, tenha a bondade de escrever-me a Voorburg com este epígrafe: a entregar na Rua da Igreja, na casa de Daniel Tydeman, o pintor*].<sup>36</sup>



---

<sup>32</sup> W (p. 407) remete esta passagem ao *Breve Tratado* (KV) de Spinoza: Parte II, capítulo XVIII.

<sup>33</sup> A versão latina se encerra aqui. Todo o resto a seguir só se encontra no original holandês.

<sup>34</sup> Para W (p. 407) esta língua é sem dúvida o espanhol. AD (Nota 138, p. 172), fundamentando-se em K. O. Meinsma, escreve que esta língua poderia ser “[...] *tanto al portugués, que era la lengua familiar de la comunidad judía de Amsterdam, y en concreto de la familia del filósofo, o al español, que era la lengua culta (educación, actos religiosos, etc.)*”. Além destas, AD (Loc. cit.) inclui o Latim, “[...] *por ser la lengua que Spinoza manejaba hacía tiempo y que solía usar en sus cartas, en oposición al holandés, que, según da a entender, no escribe con seguridad: Spinoza podía pensar que Blijenbergh supiera el latín, no el español*”.

<sup>35</sup> CA (p. 186) escreve 3 de janeiro 1665.

<sup>36</sup> FN (Nota 3, p. 30) escreve que este adendo foi acrescentado no verso da última folha do original.